

**SIMONI LAHUD: 'O ESPORTE É ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PRIVILEGIADA
PARA SOCIALIZAR CRIANÇAS E JOVENS'.**

por Paulo Faitanin – UFF



Simoni Lahud

Simoni Lahud Guedes é graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense. Mestre e Doutora em Antropologia Social pela UFRJ. A Dra. Simoni Lahud é uma das poucas pesquisadoras brasileiras que se dedica há mais de trinta anos ao tema 'Esporte', especialmente ao assunto 'Futebol'. Inclui suas respectivas dissertações de mestrado concluída em 1977, no Museu Nacional, UFRJ, com a defesa da tese “O Futebol Brasileiro: instituição zero” e de Doutorado, na mesma instituição, concluída em 1992, com a tese “Jogo de Corpo: um estudo de construção social de trabalhadores” tratam diretamente do futebol. Como nós brasileiros, Simoni é uma apaixonada pelo esporte e especialmente pelo futebol, mas a diferença para por aí, pois ela, diferentemente de muitos homens que não conseguem abstrair o futebol para além das quatro linhas e dos resultados, compreende a natureza, a função e as projeções deste esporte, analisando-o em suas raízes e em toda a sua dimensão antropológico-social, sua institucionalização e sua estratégia pedagógica. Ela é Professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, instituição na qual desenvolve atividades administrativas, de ensino e de pesquisa. Pesquisadora do CNPq e líder do Grupo de Pesquisa “Transmissão de patrimônios culturais”. Participa também do NUFEP (Núcleo Fluminense de Pesquisa). No momento, desenvolve o projeto “A transmissão de saberes e experiências através dos esportes”, envolvendo alunos de graduação e pós-graduação. Autora de vários trabalhos, especialmente dos livros: “Jogo de Corpo”, pela Eduff, 1997 e “O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro”, Eduff, 1998. Organizou uma coletânea denominada “Gênero e sexualidade: estudos em torno da PESB”, em 2004, pela Editora Intertexto. Foi lançada recentemente uma outra coletânea que organizou com Edison Gastaldo, denominada “Nações em campo: copa do mundo e identidade nacional”, também pela Intertexto. Publicou vários capítulos de livros e artigos, trabalhando, em geral, em duas grandes áreas temáticas: estudos sobre trabalhadores urbanos e antropologia do esporte. Participa também de muitos congressos, no Brasil e no exterior, coordenando grupos de trabalho. A *Aquinate* agradece, especialmente neste ano de Copa do Mundo, no País do Futebol, a

oportunidade de ler uma valiosa entrevista da Dra. Simoni Lahud Guedes que, em muito, contribui para uma melhor discussão do papel pedagógico e de inclusão social do esporte que por excelência é brasileiro: *o futebol*.

Entrevista

1. O esporte movimentou cifras altíssimas no mercado econômico. O perfil de empreendedor esportivo é crescente. Afinal esporte é lazer ou negócio?

Esporte é negócio porque é lazer e porque é paixão. Penso que a imprensa esportiva e os investimentos empresariais potencializam, amplificam, aumentam, cristalizam alguma coisa que já está lá. Recentemente, no caso brasileiro, alguns historiadores têm investido na história do futebol, o esporte mais difundido no Brasil. Demonstrem que a popularização do futebol antecede à criação de uma imprensa esportiva e às tentativas de apropriação política. O crescimento avassalador dos negócios vinculados ao esporte é um fenômeno das décadas finais do século XX, embora, desde o século XIX inúmeros negócios tenham se estabelecido em torno dos esportes (material esportivo diverso, espaços físicos, profissões complementares etc).

2. Falávamos acerca da identidade do esporte. Obviamente ele é um marco na cultura e sobretudo em nossos dias. Sendo assim, qual é o papel sócio-cultural do esporte em nossas vidas?

Como diz Bourdieu sobre os exercícios físicos, são “atividades para nada”. Ou seja, não têm um emprego prático imediato. Talvez por isso mesmo se constituam, como diz o antropólogo argentino Eduardo Archetti, em “zonas livres”, espaços propícios para a elaboração de identidades, de diferenças. São, portanto, espaços com potencial simbólico por excelência. Sob este ponto de vista, estas “atividades para nada” assumem enorme importância como veículo para as mais diversas representações coletivas e são uma via fundamental para compreender as sociedades nas quais se inserem. Além disso, em função, justamente, da adesão gratuita que propiciam e das emoções que despertam, os esportes têm sido pensados, no Brasil, como estratégia pedagógica privilegiada para socializar crianças e jovens. Com relação a este ponto, são necessários ainda alguns estudos para avaliar se, de fato, cumprem este papel.

3. O culto da perfeição do corpo tem aumentado, por outro lado também é crescente no Brasil o uso de substâncias para ganho de massa muscular ou de medicamentos para o emagrecimento. Este perigo tem produzido números assustadores. Ante este problema, faz-se necessário uma re-educação esportiva? Seria necessário uma ética esportiva ou pelo menos o desenvolvimento de virtudes que dimensionem o verdadeiro papel do esporte?

Em primeiro lugar, é preciso separar a produção do corpo em academias e as práticas esportivas. São práticas correlatas mas diferentes e apresentam riscos diferentes para o bem-estar físico e mental dos indivíduos.

Com relação ao culto de determinado modelo corporal, creio que a educação física, particularmente, disciplina que tem crescido muito e dialogado bastante com as ciências sociais, no Brasil, nas últimas décadas, tem investido nessa direção. Tenho lido uma série de trabalhos em que criticam a busca deste modelo corporal à custa da saúde. Com relação aos esportes, a questão é um pouco diversa. É preciso considerar o que se denomina “esporte de alto rendimento” e as diversas outras práticas esportivas, muito diferenciadas. Há também um investimento acadêmico na reflexão sobre o uso de drogas e os danos ao corpo em cada caso.

Estou convencida de que a produção de conhecimento qualificado é o caminho para uma maior aceitação da diversidade e para uma relação mais adequada com as diversas corporalidades.

4. Qual é o papel essencial da sociologia e antropologia nesta educação?

O papel das ciências sociais e da história também é decisivo, neste sentido, pois podem contribuir para demonstrar como estas práticas se associam a determinadas representações sociais, contribuindo, também para desconstruí-las. Não podemos oferecer um modelo ético para a sociedade mas podemos oferecer os dados que permitam elaborá-lo.

5. Qual é o principal interesse da Sra. nesta ponte: ciências sociais-esporte? E em poucas palavras como a Sra. definiria o esporte e a sua importância?

Comecei a me interessar pelo futebol, ainda na década de 1970, por considerar que era um importante caminho para entender a sociedade brasileira. Hoje tenho a mais absoluta certeza disso. Estou segura de que não apenas no Brasil,



o futebol e alguns outros esportes, apresentam-se como espaços de produção simbólica e campos nos quais algumas de suas mais importantes questões são debatidas. No caso brasileiro, através do futebol em especial, temos debatido o racismo, a nação, a formação étnica do “povo brasileiro”, as diferenças sociais, os paradoxos da ascensão social e, mais recentemente, debatemos a transnacionalização da economia.